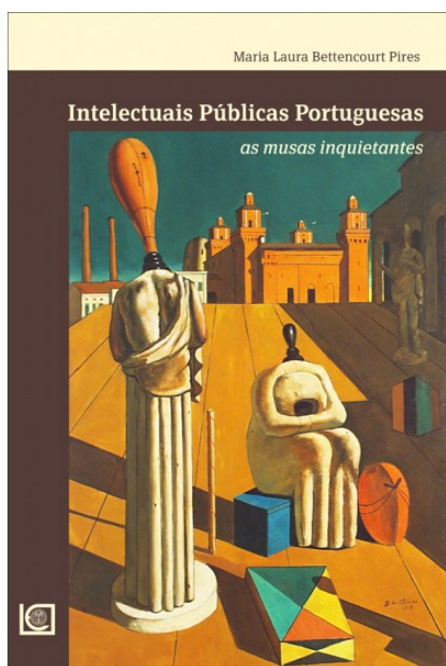


Maria Laura Bettencourt Pires: Uma Musa Inquietante. Recensão crítica de *Intelectuais Públicas Portuguesas. As Musas Inquietantes*<sup>2</sup>



*Intelectuais Públicas Portuguesas. As Musas Inquietantes.* foi publicado por Maria Laura Bettencourt Pires em 2010 (Universidade Católica Editora). Esta publicação académica versa as teorias do feminismo, a diferença, a afirmação individual e social do feminino, e os seus efeitos em Portugal no século XXI.<sup>3</sup>

A obra divide-se em duas grandes partes, desdobradas de igual modo. A primeira, de cariz teórico, contempla uma definição sucinta do conceito de 'intelectual público' e a

<sup>1</sup> Doutorada em Estudos Americanos, Mestre em Estudos Americanos e Literatura Francesa (Universidade de Coimbra). Foi professora universitária e é formadora e tradutora. Publicou "L'Antiaméricanisme intellectuel français: l'exception culturelle par excellence?" in *Paroles gelées*, 23 (1), University of California, 2007, pp. 113-130.

<sup>2</sup> Uma versão diferente desta recensão foi publicada em *Op. Cit. - Revista de Estudos Anglo-Americanos / Journal of Anglo-American Studies*, 2ª series- Nº 2: 2013.

<sup>3</sup> Maria Laura Bettencourt Pires, *Intelectuais Públicas Portuguesas. As Musas Inquietantes*, Lisboa: Universidade Católica de Lisboa, 2010, 277 pp.

descrição circunstanciada da história e do contributo de mulheres (intelectuais ou não), nos séculos XIX e XX, na determinação do seu estatuto social no seio da cultura e das artes. A segunda parte, de pendor analítico, percorre a vida, obra e contributo de várias cidadãs portuguesas contemporâneas, designadas no título como "musas inquietantes".

A denominação "Musas inquietantes" inserida no título desta obra é a tradução para português do título da pintura a óleo – *Le Muse Inquietanti* – de Giorgio de Chirico, concluída em 1918. Este quadro pintado na cidade de Ferrara (Itália) – "cidade metafísica" por excelência na óptica do pintor surrealista – põe em cena três musas que convidam o observador a segui-las num outro mundo, cuja presença inquietante (pois incógnita) elas incarnam. A poetisa Sylvia Plath, influenciada por estas figuras, redigiu um poema com o mesmo título (*The Disquieting Muses*, 1957). Todavia, Maria Laura Bettencourt não contempla três mas sim dez musas portuguesas que agem, como intelectuais públicas, em cinco áreas culturais distintas: as artes plásticas (Emília Nadal e Joana Vasconcelos), a música (Maria João Pires e Joana Carneiro), a ciência (Hannah Damásio e Leonor Parreira), a arquitectura paisagista (Teresa Andersen e Cristina Castel-Branco) e a gestão cultural (Simonetta Luz Afonso e Yvette Centeno).

Este livro evidencia que Maria Laura Bettencourt Pires é ela-própria uma "musa inquietante" na área das letras e das culturas inglesa e norte-americana em particular. A autora possui um doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses (Cultura Inglesa) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, (1985) e a agregação em Estudos Ingleses e Americanos (Cultura Americana) pela Universidade Aberta (2001). Actualmente é professora catedrática de Estudos Ingleses e Americanos na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Cultura Inglesa, Cultura Americana e Teoria da Cultura). De momento, coordena uma investigação acerca das guerras culturais, da construção da cidadania e dos públicos intelectuais. Na óptica de Stefan Collini e Russel Jacoby, exegetas do tema "public intellectual", citados pela autora, Maria Laura Bettencourt Pires será uma "scholar intellectual".

O presente *opus* revela ainda uma outra faceta da autora: a de intelectual pública. É o fora dos meios académicos português e estrangeiro (sobretudo ingleses e norte-americanos) porque deseja interagir com a sociedade em geral. Sai da sua zona de conforto intelectual para encontrar e forjar novos caminhos e interesses em outros *cosmos* a fim de os partilhar e questionar a partir da comunidade onde vive e trabalha.

Na primeira parte, sob a égide das teorias, Maria Laura Bettencourt Pires define e enquadra em termos sintéticos os conceitos mais recentes sobre "intelectual público". Esta expressão e noção da cultura norte-americana têm vindo a ser usadas na Europa no início do novo milénio, nomeadamente por alguns meios de comunicação social. Porém, a autora alonga-se na enunciação do conceitos de género e na edificação da identidade e posição das mulheres, ao longo dos séculos, no seu meio sociocultural, retrança a história das várias fases/vagas do feminismo, especialmente as dos feminismos norte-americanos, e insiste sobre o problema do racismo, patriarcalismo e sexismo na discriminação das mulheres. Uma particular atenção é concedida à teóloga alemã Theresa Hedwing Stein (1891-1942) que apresenta a Virgem Maria como um modelo para o papel da mulher na sociedade moderna. Assim, um dos aspectos mais singulares e interessantes nesta parte da obra de Maria Laura Bettencourt Pires é, a meu ver, como um homem – o mais alto representante hierárquico de uma instituição (a Igreja) – na qual as mulheres alegadamente têm e recebem um papel menor, incentiva e influencia um Novo Feminismo. João-Paulo II advoga que a mulher tem um papel essencial dada a sua capacidade de prestar atenção à pessoa, ao elemento "humano" em todas as circunstâncias. A mulher é de facto diferente e é nesta não similitude entre os sexos que a vida social se torna artística, intelectual e eticamente mais rica.

No segundo capítulo do livro, a autora inclui uma breve resenha histórica do papel das artes na cultura e sociedades ocidentais, e particularmente, na portuguesa. Este trabalho é completado por uma referência descritiva das mais recentes teorias de modo a integrar as musas num contexto definido e salientar o seu contributo para o estado da arte de cada uma das áreas de arte/saber sob escrutínio. Cada estudo é acompanhado por um sucinto *curriculum vitae* onde são elencados os feitos mais marcantes da carreira (obra/investigação) de cada uma das musas.

Nas suas considerações finais, Maria Laura Bettencourt Pires alude ao leitor/a implícito/a e implicado/a e confessa a sua esperança em que tenha havido um encontro, uma interacção entre a leitura desta sua obra e uma activação dos sentidos do texto (Bettencourt 243). Maria Laura Bettencourt Pires lembra ainda que todo o trabalho de selecção que presidiu a este trabalho obedeceu a um equilíbrio entre o subjectivo (interesses e gostos pessoais) e um objectivo final (neutro). Ao aliar o método científico (rigoroso) com uma abordagem pessoal a cada uma das musas, a autora demonstra ser uma intelectual pública pois abre a sua reflexão a espaços e tempos para além dos que a rodeiam.

A autora Maria Laura Bettencourt Pires é desta forma *mise en abyme* pelas musas que observa. As musas de Chirico estão direccionadas para o campo visual do observador e parecem fixar o seu bizarro olhar em todas as direcções (a musa da esquerda parece estar de costas) incitando o *voyeur/se* a juntar-se a elas, na procura de mais mundos. Graças a "mulher", "professora" e "intelectual pública", vários públicos e audiências portuguesas são convidados a penetrar numa dimensão menos visível do seu mundo quotidiano: o das mulheres sensíveis que laboram e estabelecem pontes na sociedade em que vivem. São intelectuais cujo contributo para a *res publica* é considerável e valioso mas cujo retorno, em termos de conhecimento/informação e de notoriedade, é nulo ou diminuto e, sobretudo, inadequado para o bem-estar e a autoestima da nação portuguesa.

Esta leitura faz supor que as instituições e organismos públicos portugueses evidenciam um défice de atenção e uma falta de conhecimento para com as produções e os contributos dos seus concidadãos, assinaladamente nas áreas da cultura, das artes plásticas e da ciência. Os públicos e audiências portuguesas são "informados" por algumas notas de rodapé e o minuto final dos telejornais, caso estes cidadãos e cidadãs tenham obtido um prémio internacional ou tenham sido mencionados nas redes e na imprensa nacional e estrangeira. Será porventura neste sentido que Maria Laura Bettencourt, no capítulo final, introduz o conceito da "kiriarquia" ou "kiriarcado", um conceito teórico formulado por Elizabeth Schlussler Firenze: *kyrios* significa em grego, senhor/dono e interroga as relações de domínio/sujeição entre indivíduos dentro dos sistemas (instituições, organizações...).

Este *opus* interpela o leitor para a questão dos sistemas de dominação, gestão de saberes e de canais de divulgação de conhecimentos. Ressalta ainda que as mulheres têm sido das principais vítimas desta dominação indevida, em perpétua resistência e luta contra novas formas de poder. Muitos donos das casas editoras e das empresas de comunicação social negam ou limitam as informações sobre as musas. Consequentemente, os intelectuais devem procurar criar públicos atentos e implicados, embora restritos, nos meios universitários e na internet (e redes sociais).

Deste modo, são onze as "musas inquietantes" nesta obra: cabe ao leitor/a, público, implicado e avisado procurar e comunicar a presença das restantes.

Manuella Glaziou Tavares